

material bond

kiwi companhia de teatro



SUMÁRIO

MATERIAL BOND, 4

Trajectoria de Edward Bond, 7

Mapa de palco, 9

Mapa de luz, 10

Equipamentos de luz, 11

CURRÍCULO DA COMPANHIA, 12

FICHA TÉCNICA, 14

CADERNO DE IMAGENS, 15

Material Bond é a mais recente criação da Kiwi Companhia de Teatro, coletivo com vinte anos de trajetória, sediado na cidade de São Paulo. O trabalho foi criado a partir da obra de Edward Bond, um dos mais importantes homens de teatro da atualidade. Sua obra dramaturgica, poética e ensaística foi traduzida e é encenada regularmente em numerosos países. *Material Bond* ganhou o edital do 20º Festival da Cultura Inglesa e foi apresentado em junho de 2016 em São Paulo. No elenco estão Fernanda Azevedo, prêmio Shell de melhor atriz em 2013 e o multi-instrumentista Eduardo Contrera. A direção e o roteiro são de Fernando Kinas.

1. *Material Bond*

A criação de *Material Bond* procura suprir, parcialmente, uma lacuna importante do teatro brasileiro. Considerado um dos maiores dramaturgos europeus vivos, cujas peças são montadas regularmente em grandes centros de produção artística (especialmente na Alemanha e na França), Edward Bond, nascido em Londres em 1934, é praticamente um desconhecido no Brasil. Exceto por raríssimas encenações, uma delas estreada em São Paulo em 2001 (dirigida por Fernando Kinas), sua obra está ausente tanto dos palcos quanto dos catálogos das editoras nacionais.

Além de sua vasta obra dramática (cerca de 50 peças até o momento), Edward Bond é um prolífico e brilhante comentador de suas próprias peças, publicando prefácios, introduções, comentários, escrevendo cartas a diretores interessados em sua obra e densos ensaios sobre a relação entre teatro e sociedade. Além desta importante produção teórica, escreveu roteiros cinematográficos, libretos de ópera, fábulas, poemas e letras de canções.

A arte ajuda a criar um sentido e um objetivo nisto que, de muitas maneiras, é aparentemente um mundo irracional.

Bond, prefácio de **The fool**



Material Bond, direção de Fernando Kinas, 2016.

Um, entre os pouquíssimos textos de Bond disponíveis em português, foi publicado quando de sua visita à São Paulo. *Consideração sobre o teatro atual* é a transcrição da palestra que proferiu no Centro Cultural São Paulo, mediada pelo diretor e pesquisador Fernando Kinas, que havia recentemente montado um de seus textos (*Have I none*) e escrito uma dissertação de mestrado sobre o conjunto de sua obra teatral e ensaística.

Além da qualidade poética das obras de Bond, sua contribuição também é inegável no campo da experimentação formal, desenvolvendo – tanto na escrita, como teoricamente – técnicas para uma dramaturgia em sintonia com o munto atual. Descontente com o ambiente teatral de sua época, Bond se indispôs, desde o início de seu percurso no Royal Court, com parte do *establishment* artístico, chegando a proibir a apresentação de suas peças em importantes instituições culturais. Sua trajetória tem sido marcada pela recusa dos esquemas do chamado teatro comercial, mas também pela distância de um tipo dogmático de teatro político.

O modo encontrado para lidar com esta radicalidade de conteúdos e formas foi partir de uma série de poemas, letras de canções e pequenas histórias (que o autor também chama de fábulas) em uma intervenção teatral com roteiro inédito. Há um aspecto relacionado à performance em função da liberdade de improviso em algumas cenas, do uso abundante de material não-dramático, da hibridização de linguagens e espaços (há um tablado instalado na plateia), e pelo jogo com o público.

O trabalho utiliza um espaço cênico múltiplo, incluindo palco, convencional e pequeno tablado instalado na plateia, além de corredores, onde se desenvolvem ações consideradas habitualmente teatrais (no formato de *sketchs* ou cenas curtas, pantomimas, coreografias), intervenções narrativas e poéticas, e execuções musicais (gravadas e ao vivo, conduzidas pelo músico multi-instrumentista Eduardo Contrera).

O caráter multiforme se expressa na interpretação, em que lírico e narrativo se cruzam; no espaço, com o uso do palco tradicional e do espaço considerado não cênico (plateia e corredores). A encenação, assim, assume o cruzamento entre teatro, performance, intervenção e show. *Material Bond* radicaliza, de certa forma, as sugestões do próprio Edward Bond, que mais de uma vez afirmou a necessidade de encontrar novas formas para compreender a sociedade atual.

O caráter multiforme se expressa na interpretação, em que lírico e narrativo se cruzam; no espaço, com o uso do palco tradicional e do espaço considerado não cênico (plateia e corredores). A encenação, assim, assume o cruzamento entre teatro, performance, intervenção e show. *Material Bond* radicaliza, de certa forma, as sugestões do próprio Edward Bond, que mais de uma vez afirmou a necessidade de encontrar novas formas para compreender a sociedade atual.

À radicalidade da injustiça e da desumanidade (*leitmotivs* de Bond) precisa corresponder uma radicalidade estética, dramaturgica e cênica.

Articulando binômios já presentes na obra do autor (cômico e trágico, rápido e lento, solene e trivial), este trabalho cênico se apresenta sob o signo da contradição produtiva, isto é, expõe conflitos capazes de revelar, para além da superfície das coisas, conexões causais da realidade social.



Material Bond, direção de Fernando Kinas, 2016.



Fragmento b3, Have I none, texto de Edward Bond, direção de Fernando Kinas, 2001.



Material Bond, direção de Fernando Kinas, 2016.

A criação cenográfica foi realizada pelo cenógrafo e grafiteiro Julio Dojcsar, artista que transita entre diversas áreas, criando espaços para teatro e dança, e propondo intervenções urbanas, como o recente projeto desenvolvido na região da Luz, que propõe uma reapropriação criativa e cidadã dos espaços urbanos degradados.

A iluminação, a cargo de Clébio Souza (que, além do teatro, tem experiência em iluminação para eventos musicais), e dando continuidade a pesquisas recentes da mesma equipe de criação (*Manual de autodefesa intelectual* e *Morro como um país*), procura criar deslocamentos perceptivos, afastando-se da convenção teatral.

As opções lidam com o sentido de transparência/revelação, aproveitando a grande tela (6 metros de largura × 5 metros de altura) instalada entre palco e plateia. Um elemento paródico permite romper certas expectativas da iluminação teatral clássica.

Os figurinos são fruto da parceria com Madalena Machado, conhecida por seus trabalhos em dança contemporânea (Balé da Cidade de São Paulo, Mercearia de Ideias, entre outros).

São utilizadas projeções em diálogo com o universo de temas propostos pelo autor. Estas imagens, pesquisadas em acervos de domínio público e produzidas especialmente para o trabalho, têm a dupla finalidade de comentar poeticamente os textos de Bond e de introduzir a experiência urbana e distópica que caracteriza grande parte de sua obra. Elas foram criadas pelo cineasta e vídeo-artista Luiz Gustavo Cruz.

Um dos objetivos de *Material Bond* é apresentar o universo complexo e multifacetado de Edward Bond, associando seus principais temas com a reflexão sobre a situação brasileira.

Confira registro audiovisual completo do trabalho em:

<https://www.youtube.com/watch?v=07fX7CAwE8g>

Confira registro fotográfico do trabalho em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xA7vYLFjoWk>

Material Bond, direção de Fernando Kinas, 2016.



Trajétoria de Edward Bond

Edward Bond nasceu em 1934, um ano depois do incêndio do Reichstag e onze anos antes da explosão da bomba atômica de Hiroshima. Sua vida foi, como ele mesmo afirmou diversas vezes, marcada pela guerra e pela necessidade de sobreviver num mundo desumano, injusto e violento. Seus pais, camponeses pobres, obrigados a ganhar a vida na cidade, foram morar em Holloway, região industrial da periferia de Londres. Sua infância e juventude foram marcadas pelas dificuldades materiais e pela reflexão política sobre suas causas.

Bond fazia pequenos trabalhos e em 1953 deveria cumprir o serviço militar. Ele começa então a escrever para escapar desta “versão paródica [e ‘muito corrupta’] da sociedade civil” que é o Exército. Decide ser escritor, sobretudo após o impacto de uma encenação de Macbeth que assistiu aos quatorze anos. Outra importante influência na sua vida de dramaturgo foram as peças do Berliner Ensemble, dirigidas por Bertolt Brecht (*Mãe Coragem*, *Tambores na noite* e *O círculo de giz caucasiano*) que assistiu em Londres, em 1956.

Em 1958, Bond se integra a um excepcional grupo de escritores britânicos de teatro, fundado em 1956: o English Stage Company, instalado no teatro Royal Court. Bond, Pinter, Osborne, Mercer, Orton, Wesker, Stoppard, Brenton, Barker são alguns dos dramaturgos deste grupo, considerado o ponto zero da renovação do teatro inglês contemporâneo.

O ESC tinha como objetivo formar uma nova geração de escritores de teatro e de os ajudar a compreender o processo de criação teatral como um todo, não somente escrevendo mas acompanhando a montagem de suas peças. Era uma verdadeira escola de dramaturgia, com discussões, ensaios e apresentações de espetáculos. Eles testaram novas fórmulas que seriam depois largamente utilizadas no teatro inglês e mesmo fora do país.

Uma das questões centrais que estes escritores e homens de teatro colocaram era a mesma que Brecht já havia formulado: por que o teatro atual é incapaz de apreender os grandes temas do nosso tempo? As tentativas para responder esta questão provocaram um terremoto no ainda controlado e bem-comportado teatro inglês.

Para o English Stage Company Bond escreveu diversas peças: *The pope's wedding*, encenada em 1962 pelo Royal Court (que vai produzir quase todas as suas peças até 1975); *Saved*, cuja montagem em 1965 por William Gaskill provoca um escândalo na “puritana” sociedade inglesa; *Early morning*, em 1968, que mostra personagens históricos de um ponto de vista irônico e mordaz; *Narrow road to the deep north*, uma parábola com forte influência das parábolas brechtianas; em 1970 escreve *Black mass* seguida de *Passion* e *Lear*, uma versão muito particular da peça do fundador do Globe; em 1973, em mais uma encenação de Gaskill, a comédia *The sea*; em 1974 Bond conta a vida de Shakespeare em *Bingo – Scenes of money and death*, desmistificando o autor nacional inglês. Em 1976 a montagem de *The fool – Scenes of bread and love* será um momento decisivo na carreira do autor, com Bond

A violência formata e obceca nossa sociedade, e se nós não cessarmos de ser violentos, não teremos futuro. Aqueles que não querem que os escritores tratem da violência, querem impedi-los de escrever sobre nós e o nosso tempo.

Bond, prefácio de *Lear*

se preocupando cada vez mais com os elementos da encenação. Ele escreve um libretto de ópera (*We come to the river*), faz a adaptação de *White devil* de Webster e trabalha sobre sua peça *Worlds* com estudantes (1977/1979), anunciando o que será uma constante na sua produção, o trabalho com jovens, principalmente em estruturas teatrais menores, como é o caso do Big Brum Theatre, grupo de Birmingham que integra um projeto lançado na Grã-Bretanha, nos anos 1970, para introduzir o teatro no meio escolar, baseado na participação e implicação dos alunos. Esta parceria continua até os dias atuais.

1978 marca sua estreia como diretor em *Woman – Scenes of war and freedom*, trabalho encenado no National Theatre, um dos “templos” do teatro público britânico. Nos anos 1980 escreve e dirige *Restoration* e *Summer*, trabalhos que fazem uma análise das contradições e

conflitos da Europa do Leste; além de *Derek*, *After the assassinations*, *The cat* e *Human canon*. Mas é a trilogia *The war plays*, apresentadas na Royal Shakespeare Company em 1985 e no Odéon Théâtre de L'Europe, em janeiro de 1995, que lhe traz um sucesso considerável. Nesta trilogia, Bond encena a situação do mundo após uma catástrofe nuclear. As contradições sociais, a desumanização e a esperança de uma nova civilização, construída através de outros paradigmas, são os temas em pauta.

As mudanças políticas em escala mundial e a problemática da pós-modernidade levam Bond a publicar duas peças chamadas de “pós-modernas”: *Jackets*, em 1989, e *In the company of men*, em 1990. A década de 1990 foi bastante intensa e produtiva e é nesse período que escreve *Coffee: a tragedy*, *At the inland sea*, *Eleven vests*, *The crime of the twenty-first century*, *The children* e *Have I none* (esta última já no início dos anos 2000). Ainda neste período Bond escreve dois trabalhos para a televisão, *Olly's Prison* e *Tuesday*.

Sua produção mais recente continua intensa, entre seus textos dramáticos destacamos uma peça mais antiga, *September* (1989), que trata da morte do seringueiro e ativista político brasileiro Chico Mendes; e mais recentemente: *Existence* (2002); *The under room* (2005); *Innocence* (2008); *A window* (2009); *The broken bowl* (2012) e *The angry roads* (2014).

Além da produção em teatro, Bond publicou poemas (em 1987 lançou uma importante coletânea de seu material poético), textos teóricos (normalmente acompanhando suas peças) e roteiros de cinema (*Blow up* de Michelangelo Antonioni é o mais conhecido), além de trabalhar como letrista em parceria com o músico Hans Werner Henze. Destacamos ainda *The activists papers*, conjunto de textos de natureza diversa abordando temas teatrais e de sociedade.

O trabalho com jovens, citado antes, torna-se cada vez mais importante para Bond, os jovens, segundo ele, seriam pequenas tochas, destinadas a “desmistificar o processo de criação. [As peças] são ideias que eles não compreendem inicialmente, mas que se apresentarão a eles mais tarde. Eu crio um espaço em suas mentes”.

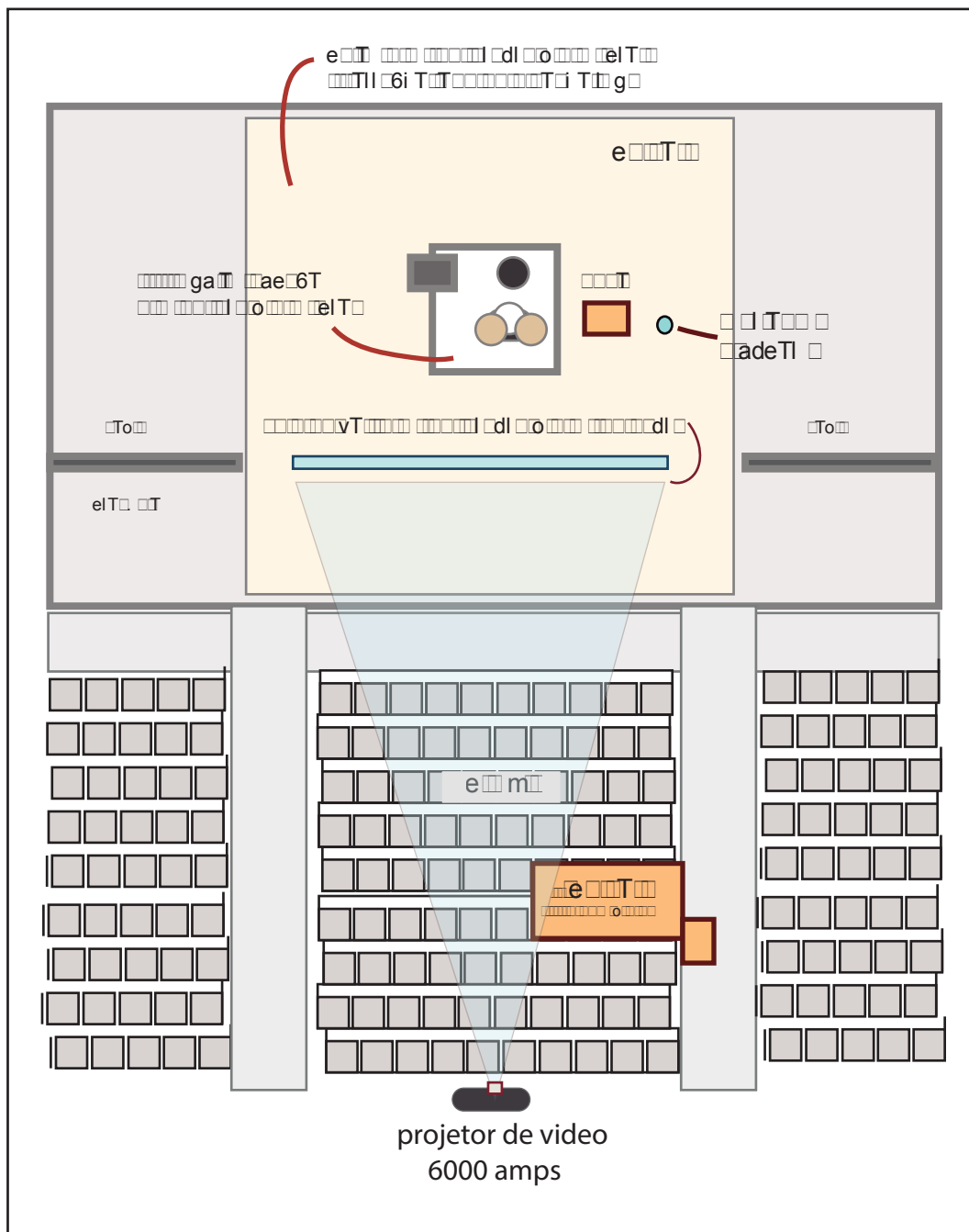
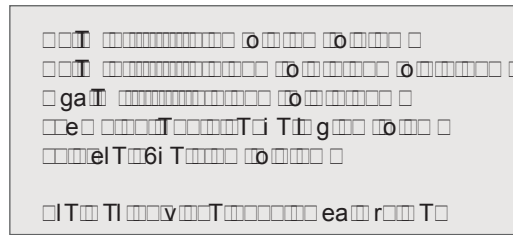
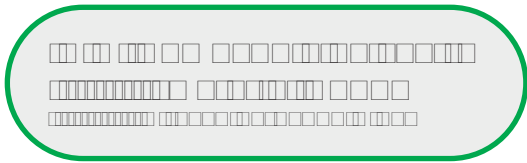
A estes jovens o autor diz: “É necessário encontrar a peça no interior de si. A realidade perdeu sua voz. Nós não sabemos mais como falar. A gente escuta a televisão, o rádio: quanto mais se fala, mais se fica mudo. É muito difícil de escutar, porque há muito barulho”. O único sujeito que conta, diz o autor, é a justiça. “No nosso mundo, nós não sabemos mais o que é importante. O mundo atual se transforma como jamais se transformou. Como encontrar uma linguagem para falar sobre isso, para falar sobre o humano?”

Aqui se desenham dois temas essenciais de sua obra: a justiça e o humano. Ou, em outros termos, a necessidade de humanizar o humano e a fome de justiça (tema de um de seus mais contundentes poemas *The site*, incluído neste projeto).

A obra de Edward Bond responde de maneira singular e inovadora a um desafio que é ao mesmo tempo poético e político. Ele reinventa uma linguagem que solicita de forma particular e intensa a imaginação do espectador. Sua escritura mistura uma forma de falar popular com uma linguagem lírica. Ele busca, assim, renovar os meios dramáticos do teatro, atualizando o modelo brechtiano, que lhe serve de inspiração. Bond utiliza estruturas teatrais para analisar a sociedade e para que o público possa refazer suas crenças.

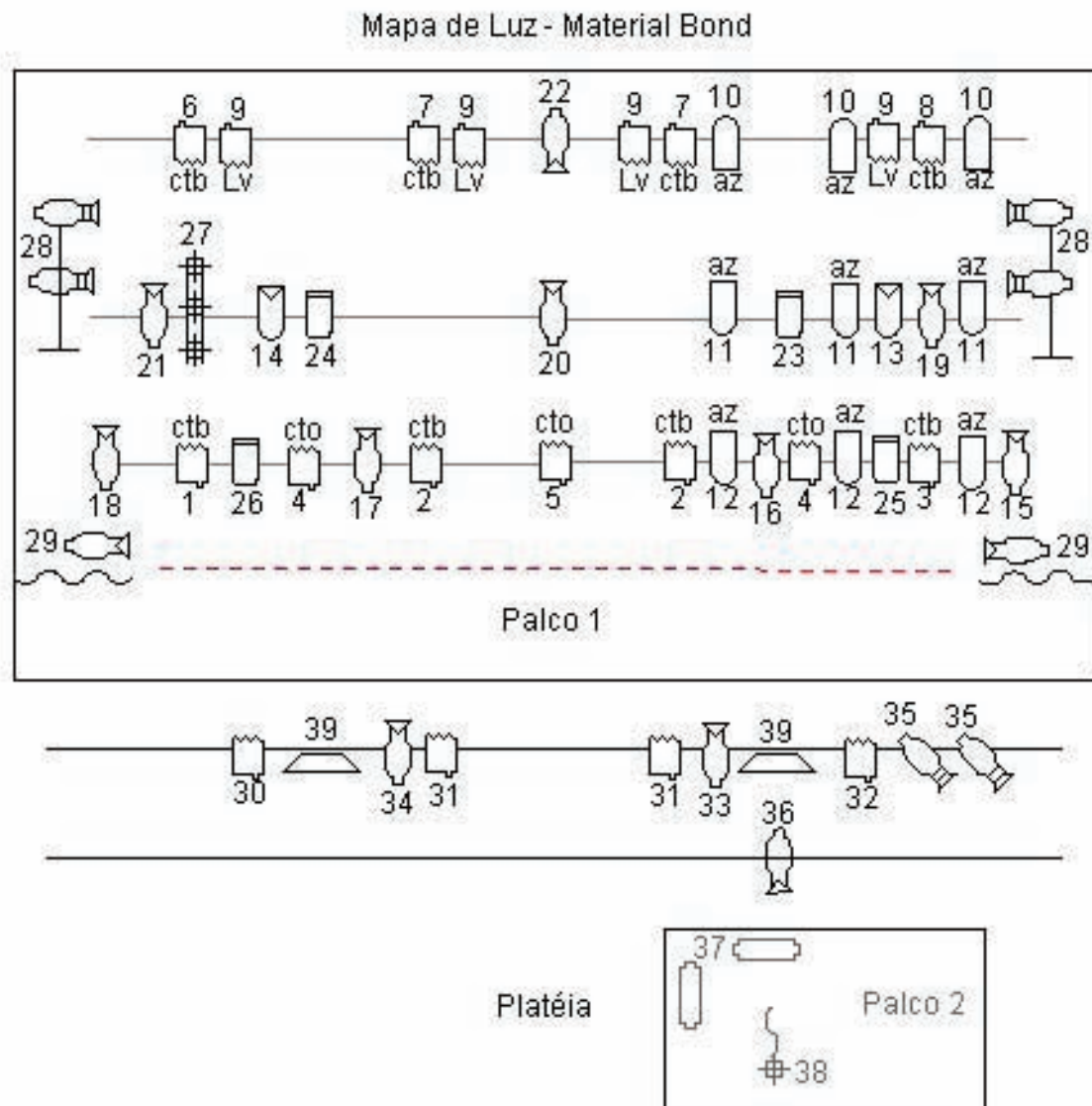
Em uma formulação sintética, Bond resume sua filosofia como dramaturgo: “A obra dramática, seja trágica ou cômica, tem duas finalidades: conhecer-se a si mesmo e tornar-se si mesmo”. O teatro, teria, portanto, um papel constitutivo na formação daquilo que chamamos de humanidade.

Mapa de palco



□ d T □ T □ a □
□ □ □ T □ □ T

Mapa de luz



LEGENDA	Descrição
	Elipsoidal 36°
	Elipsoidal 25/50°
	Fresnel 1000W
	PC 1000W
	Ribalta 10 Lamp. dicróicas
	Set Light 1000W
	Lampadas dicróicas
	Lampada 100W
	Cenário

Espectáculo: Material Bond
 Kiwi Cia de Teatro
 Direção: Fernando Kinas
 Iluminação: Dede Ferreira
 Contato: (11) 96567-1555
dede.ferreirasp@gmail.com

Equipamentos de luz

- 14 Elipsoidal 36°
- 06 Elipsoidal 25/50°
- 20 Fresnel 1000W
- 04 PC 1000W
- 02 Ribalta com 10 lâmpadas dicróicas
- 02 *Set light* 1000W
- 01 Canhão seguidor
- 01 Mesa digital
- Gelatinas CTB 02, CTO 09, LV 58, AZ 132
- Projetor com 6000 ANSI lumens (mínimo) e distância de 10 metros do local de projeção para o palco ou procênio.

Dedê Ferreira

(11) 96567-1555

dede.ferreirasp@gmail.com

2. Currículo da Companhia

A Kiwi Companhia de Teatro surgiu em 1996 e produziu uma quinzena de montagens teatrais. Além das peças, o grupo realizou leituras dramáticas de autores como Samuel Beckett, Franz Kafka, Hilda Hilst, Elfriede Jelinek, Heiner Müller, Julio Cortázar e Martin Crimp, organizou cursos, oficinas e debates sobre a encenação e a dramaturgia contemporâneas e eventos multiartísticos. A Companhia publica, desde 2013, o caderno de estudos *Contrapelo*. Um dos objetivos do grupo responde à necessidade de, simultaneamente, fazer e pensar o teatro, contribuindo para a construção de pensamento crítico à respeito da sociedade brasileira.

A Companhia é formada por componentes fixos e colaboradores em diversas áreas: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Luiz Nunes, Daniela Embóm, Maria Carolina Dressler, Eduardo Contrera, Luciana Fernandes, Elaine Giacomelli, Julio Dojcsar, Heloísa Passos, Maysa Lepique, Paulo Fávares, Clébio Souza (Dedê), Carolina Abreu, Demian Garcia, Camila Lisboa, Marina Willer, Paulo Emílio, Clóvis Inocêncio, Gavin Adams e Marie Ange Bordas.

Os trabalhos da companhia foram apresentados em diversas cidades do país e participaram de vários festivais e encontros de teatro e performance (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, entre outros). Em 2007 a companhia foi selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo com o projeto *Teatro/mercadoria – Espetáculo e miséria simbólica*, que incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates e a realização de dois eventos multiculturais (*festa & ideias*).

Ainda em 2007 a Kiwi Companhia de Teatro foi convidada pelo SESC São Paulo para mostrar parte do seu repertório na *Mostra SESC de Artes*. As atividades incluíram três peças e três processos de trabalho, seguidos de debates. Em 2008 a Companhia representou o Brasil no *Seminário Internacional de Performance e Feminismo Actions of Transfer – Women's Performance in the Americas*, organizado pela Universidade da Califórnia (UCLA), Estados Unidos. O grupo produziu, em parceria com As Atuadoras, o documentário *Actions of transfer – O olhar brasileiro*, com apoio institucional da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres do Governo Federal.

Em agosto de 2009 a Kiwi Companhia de Teatro apresentou em Bogotá (Colômbia) a performance *Carne – Histórias em pedaços* no 7º *Encuentro Ciudadanias en Cena*, organizado pelo Instituto Hemisférico de Performance y Política.

Em 2010 a Companhia foi mais uma vez selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, agora com o projeto *Carne – Patriarcado e capitalismo*, que se estendeu até setembro de 2011. Este projeto incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates, ciclo de filmes, intervenções urbanas e a realização de dois eventos multiartísticos (*festa & ideias*). Em 2011 o grupo foi contemplado com o Prêmio Myriam Muniz (MINC/FUNARTE) para apresentar o trabalho cênico *Carne* no Estado do Pará (Belém e Marabá) e no interior de São Paulo.

Em 2012 a Companhia iniciou o projeto *Morro como um país – A exceção e a regra*, apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. No ano seguinte, este trabalho resultou em diversas atividades, incluindo uma temporada de dois meses.

Em 2013 a Companhia recebeu dois prêmios nacionais (Myriam Muniz e Marcas da Memória), permitindo a realização de uma temporada do projeto *Morro como um país* pelo Ceará, Paraíba, Distrito Federal e Rio de Janeiro.

Nos primeiros meses de 2014, o grupo ganhou dois editais (PROAC do Estado de São Paulo e Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo) e Fernanda Azevedo recebeu o Prêmio Shell de melhor atriz por seu trabalho em *Morro como um país*. No segundo semestre a Companhia foi selecionada para o Circuito Cultural Paulista, circulando por oito cidades do interior do Estado com o trabalho *Carne*.

No primeiro semestre de 2015 o grupo desenvolveu o projeto *Manual de autodefesa intelectual*, que incluiu diversas atividades, estreou no SESC Belenzinho e fez segunda temporada no Galpão do Folias, em São Paulo. Em maio o grupo participou do *Circuito TUSP de Teatro* com a peça *Carne* e, em junho, esteve em Porto Velho (RO), a convite do Festival Tapiri, apresentando a intervenção *Três metros quadrados*. Em 2016 ganhou o edital da Cultura Inglesa (SP) e montou *Material Bond*, obra inspirada na obra do dramaturgo e ensaísta britânico Edward Bond.

MONTAGENS

- *Material Bond*, roteiro de Fernando Kinas, 2016.
- *Manual de autodefesa intelectual*, roteiro de Fernando Kinas, 2015.
- *Morro como um país*, textos de Dimitris Dimitriadis, Edward Bond, Mauricio Rosencof, Alípio Freire e outros, 2013.
- *Carne*, textos de Michelle Perrot, Elfriede Jelinek e outros, 2007/2013.
- *Teatro/mercadoria #1*, textos de Guy Debord e outros, 2006/2008.
- *Linha*, de Israel Horovitz, 2006.
- *O bom selvagem*, textos de Jean-Jacques Rousseau e outros, 2006.
- *Casulo*, de Fernando Kinas, 2006.
- *Titânio*, textos de Elizabeth Bishop, Pier Paolo Pasolini e outros, 2004.
- *Mauser/manifesto*, textos de Heiner Müller e Karl Marx, 2002.
- *Fragmento b3*, textos de Samuel Beckett e Edward Bond, 2001.
- *Osmo*, de Hilda Hilst, 2000.
- *Tudo o que você sabe está errado*, textos de René Descartes e outros, 2000/2001.
- *Carta aberta*, de Denis Guénoun, 1998/2007.
- *Um artista da fome*, de Franz Kafka, 1998.
- *R*, textos de Albert Einstein e outros, 1997.

LEITURAS DRAMÁTICAS E EXPERIÊNCIAS CÊNICAS

- *Internacional*, a partir de texto de Luiz Fernando Veríssimo, 2013.
- *Três metros quadrados*, a partir de depoimentos de ex-presos políticos, 2013.
- *Morro como um país*, a partir de Dimitris Dimitriadis, 2011/2013.
- *Os astronautas da cosmopista*, de Julio Cortázar, 2008.
- *Atentados à sua vida*, de Martin Crimp, 2007.
- *Ruanda*, roteiro e direção de Fabio Salvatti, 2007.
- *Eu quero ser superficial*, de Elfriede Jelinek, 2005/2007.
- *Uma noite no teatro*, de Michel Deutsch, 2002.
- *Auto da barca de Camiri*, de Hilda Hilst, 2000.
- *Fragmento para teatro II*, de Samuel Beckett, 2000.
- *Kafka rindo*, textos de Franz Kafka, 1997.

3. *Ficha técnica*

A partir da obra de: Edward Bond

Tradução: Marcos Steuernagel, Filipe Vianna, Eduardo Contrera e Fernando Kinas

Direção e roteiro: Fernando Kinas

Elenco: Fernanda Azevedo (atriz) e Eduardo Contrera (músico)

Vídeo: Luiz Gustavo Cruz

Cenografia: Júlio Dojcsar

Iluminação: Clébio Souza (Dedê)

Figurino: Madalena Machado

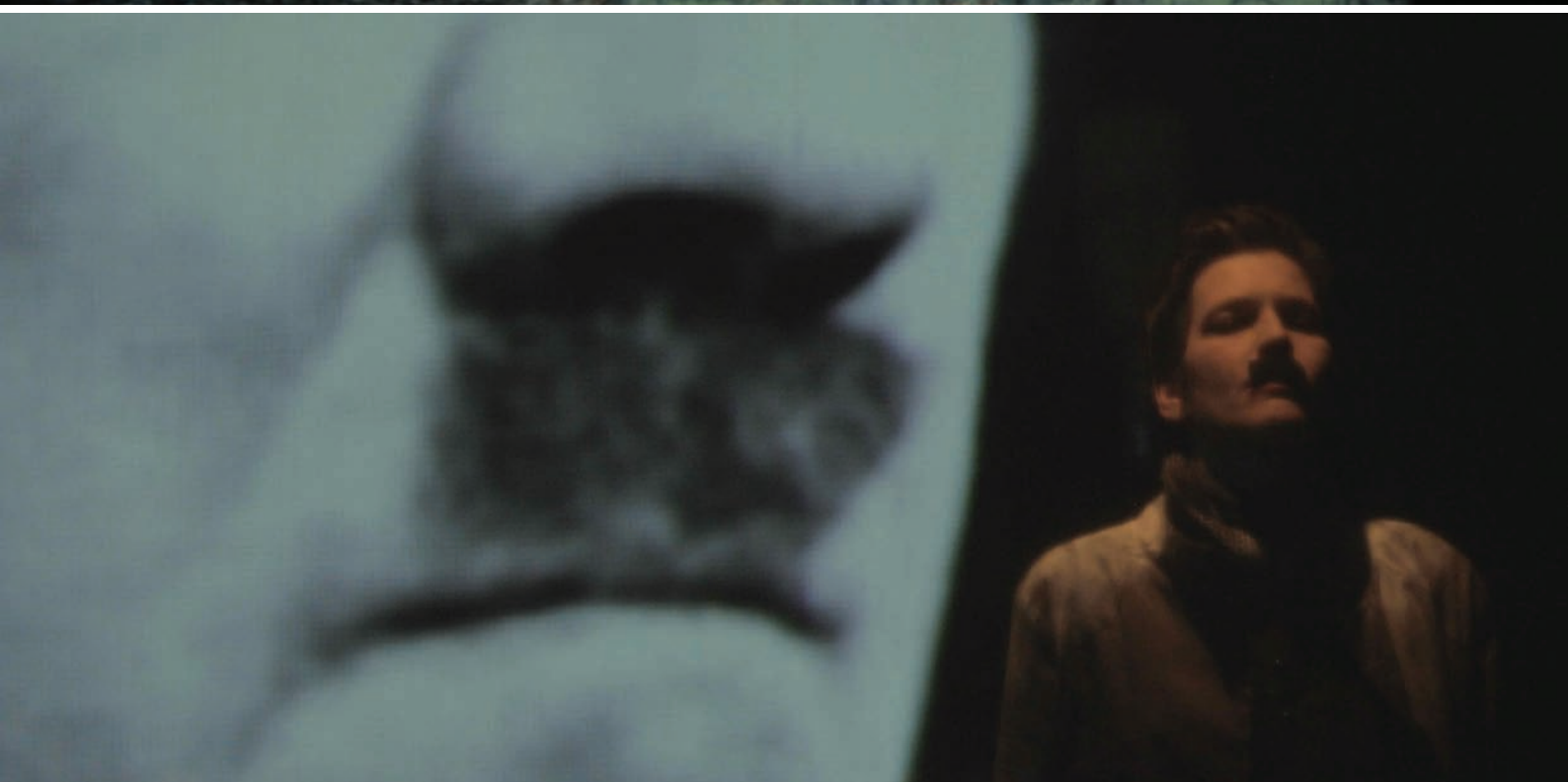
Confecção da marionete: Celso Ohi

Áudio inicial: Michael Moran

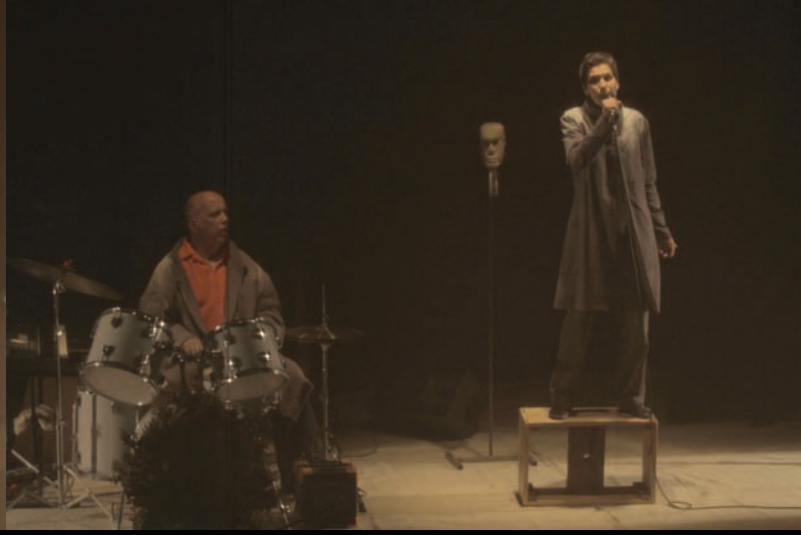
Produção e operações: Luiz Nunes e Daniela Embón

Realização: Kiwi Companhia de Teatro

4. Caderno de imagens







SCI TECH

A man in a grey jacket is playing a drum set on stage, positioned behind the large red letters of the 'SCI TECH' title.

5. *Críticas e matérias*

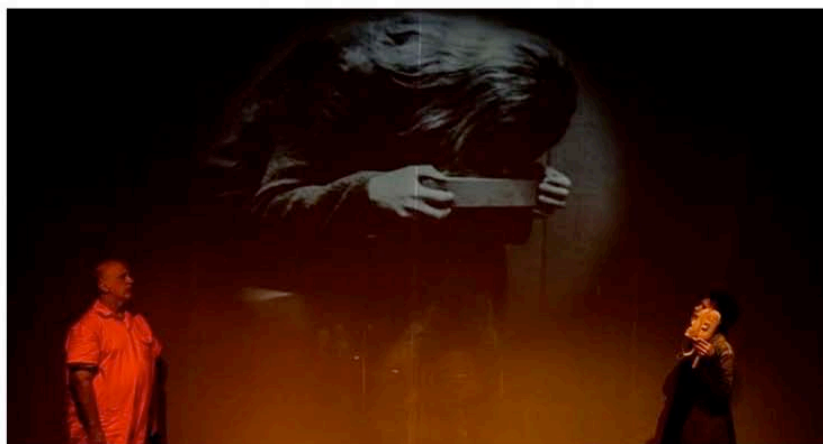
[Home \(https://revistacult.uol.com.br/home\)](https://revistacult.uol.com.br/home) • [Seções \(https://revistacult.uol.com.br/secoes/\)](https://revistacult.uol.com.br/secoes/) • [Teatro \(https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/secoes/\)](https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/secoes/)

Um exercício de imaginação racionante



Wellington Andrade

3 de abril de 2017



Cena do espetáculo "Material Bond" (Foto: Bob Sousa)

Material Bond, cuja temporada se encerrou no último dia 30/3, constitui uma das realizações teatrais mais relevantes de 2017

O poder imobiliza, fixa num gesto único – grandioso, terrível

ou teatral e, afinal, simplesmente monótono – a variedade da vida”.

Octavio Paz, O arco e a lira.

Há que se lastimar o fato de um espetáculo tão importante como Material Bond, da Kiwi Companhia de Teatro, ter permanecido pouquíssimo tempo em cartaz na cidade de São Paulo. Após sua pré-estreia, em junho de 2016, no 20º Festival da Cultura Inglesa, a montagem cumpriu temporada de 2 a 30 de março deste ano na Oficina Cultural Oswald de Andrade, realizando ali somente treze apresentações. A exiguidade de sessões que vem pautando a carreira de muitas peças, embora plenamente justificável do ponto de vista administrativo e econômico, configura-se, todos sabemos disso, em um grande entrave para a vida cultural da cidade, uma vez que praticamente acaba submetendo público, imprensa, crítica e demais agentes da atividade teatral à lógica do consumo acelerado de espetáculos-eventos, quando não eventuais, – tão própria da indústria cultural e do mercado de entretenimento.

A primeira grande qualidade da iniciativa da Kiwi foi a de tornar um pouco menos desconhecido o nome do dramaturgo inglês Edward Bond (1934) entre nós: houve até agora pouquíssimas encenações de suas peças no Brasil; tais obras – que já perfazem cerca de 50 títulos – permanecem ausentes do mercado de livros em língua portuguesa; seus outros escritos (artigos teóricos, poemas, cartas...) encontram-se em idêntico estado de invisibilidade editorial. Em se tratando de um autor cuja obra longa e profícua discute com uma radicalidade toda própria a relação do teatro com a sociedade, tal lacuna é mesmo para ser lamentada. (Vale notar que Edward Bond esteve em São Paulo em outubro de 2001 para participar do ciclo de conferências e debates “O teatro e a cidade”, organizado pelo Centro Cultural São Paulo durante a gestão do então secretário municipal de cultura Celso Frateschi. Cumpre

observar ainda que, três anos depois, a SMC publicou sob a forma de livro as catorze conferências realizadas, dentre as quais, "Considerações sobre o teatro atual", proferida pelo dramaturgo londrino).



Fernanda Azevedo em cena no espetáculo 'Material Bond' (Foto: Bob Sousa)

A segunda qualidade do projeto diz respeito à natureza especial do material apresentado, que reúne textos teóricos, fábulas, poemas e letras de canções de Edward Bond, e não as criações propriamente dramáticas do autor. Aqui, o roteiro assinado por Fernando Kinas (também responsável pela tradução dos textos ao lado de Marcos Steuernagel, Filipe Vianna e Eduardo Contrera) não poderia privar de maior articulação poética e política. Grande conhecedor da obra do dramaturgo inglês, Kinas concebeu uma espécie de recital disforme em que o material original de Bond se relaciona com imagens em vídeo que revelam a brutalidade das ações policiais e a criminalização dos movimentos sociais no Brasil, por exemplo, dentre outras fontes fílmicas, e com composições musicais variadas (The people united will never be defeated, de Frederic Rzewski; Threnody for the victims of Hiroshima, de Krzysztof Penderecki; Music for pieces of wood, de Steve Reich, Foreign accents, de Robert Wyatt e Lascia ch'io pianga, de Händel), além da trilha sonora original composta pelo

multi-instrumentista Eduardo Contrera, que está o tempo todo no espaço cênico ao lado da atriz Fernanda Azevedo. Desse modo, cena, imagem e música se sobrepõem, fazendo com que o épico-narrativo se cruze com o lírico não somente no âmbito do discurso maior da empreitada, mas também no das técnicas específicas empregadas. Nosso desejo, quando essa experiência multissensorial termina, é o de conhecermos mais de perto a obra do autor, cujo pensamento – somos levados, mais do que entender, a sentir isso – sempre esteve preocupado em escrutinar o humano e a justiça, revelando em positivo, como é próprio das estratégias estilísticas e formais do autor, o desumano e a injustiça.

À pergunta inicial – “Como é possível ser humano em um mundo desumano?” – sucede uma cena de origem – “Eu nasci às oito e meia da noite, quarta-feira, 18 de julho de 1934. Tinha uma tempestade” -, seguida por algumas especulações a respeito de muitos temas, quase sempre sintetizadas por máximas e sentenças judicativas, e também judiciosas: “Atores, não tentem tornar possíveis suas personagens”, Quando o conhecimento é ensinado por ignorantes, não devemos ter medo somente dos que queimam livros, mas também dos construtores de bibliotecas”, “O reverso de todas as leis é a justiça”, “A violência gerará violência até os homens se conhecerem”, “Nós não podemos falar nada sobre nós e a nossa época, sem começarmos por definir a loucura”, “A catástrofe tem algo de terrível: nós pensamos que ela não vai acontecer, e quando ela acontece... parece que ela faz parte da ordem natural das coisas”. Até que a pergunta inicial retorna à cena, reconfigurada (“Aqueles que não lutam pela grande causa que começa com poucos restos no prato da criança devem lutar com sua própria desumanidade para ser humanos – mas como pode a desumanidade lutar consigo mesma para ser humana?” e desdobrada em uma

afirmação de natureza metalinguística (“Esta é apenas uma peça! Teatro é a luta da realidade consigo mesma!”) – quando, então, a cena de origem é rerepresentada e o ciclo dramaturgico (mimetizando o da própria vida) retomado em chave sintética, até que a peça se encerre.



Cena do espetáculo “Material Bond” (Foto: Bob Sousa)

Tanto no plano da construção dramaturgica como no da realização cênica, Material Bond representa um genuíno exercício de “imaginação racionante”, como postulado pelo próprio autor. “As pessoas costumam dizer que há algo chamado razão e outra coisa chamada imaginação. E que elas estão em oposição. Para mim essa oposição não é verdadeira: a forma fundamental de a mente funcionar é a imaginação à procura da razão”, afirmou o dramaturgo no debate de que participou em São Paulo por ocasião do ciclo “O teatro e a cidade”. Uma vez que para ele a imaginação representa a faculdade humana mais desejosa de experimentar o conceito do Nada (lembremo-nos de Demócrito: “Nada é mais real do que o nada”) e que as mentiras que a cultura humana conta sobre o Nada acabam virando verdades sociais, cabe à arte do teatro descolonizar o Vazio e combater as grandes Mentiras por meio do exercício da Imaginação, que irá fazer com que o palco se apresente sempre como um campo de batalha onde seja possível desmembrar as complexidades do

humano e confrontar as sociedades não justas e não criativas.

Assim é que *Material Bond*, no qual se cruzam o teatro, a performance, a intervenção e o show, parece propor uma pergunta essencial: que lugar a arte ocupa na sociedade contemporânea? Questão que se desdobra nesta outra: a arte ainda é capaz de se opor à força-motriz direcionada para a conformidade que caracteriza a vida social nos dias que correm? O modo muito particular encontrado pela Kiwi para tentar responder a tais indagações foi conferir a esse material – cuja combinação, pautada pela radicalidade estética, dramática e cênica, é rara entre nós – a atmosfera de uma teatralidade provocadora e emocionante, que atinge não somente nossa razão, mas também nossa sensibilidade – repercutindo a imagem por meio da qual a dramaturga francesa Martine Millon definiu a obra de Edward Bond: a de um teatro que dá corpo às ideias.



Fernanda Azevedo em cena no espetáculo "Material Bond" (Foto: Bob Sousa)

Corpo, presença e poesia. Se, para Hans Ulrich Gumbrecht, a atividade lírica é também um modo de atenção, e o universo simbólico de Edward Bond jamais se desvincula da imaginação poética, a confrontação proposta por este *Material Bond* não poderá soar senão como um curto-

circuito em nossa atenção para com o mundo circundante e em nossas expectativas culturais. Em *A imaginação educada*, Northrop Frye defende a ideia de que “a literatura como um todo não é a exposição de peças enfeitadas com fitinhas azuis e vermelhas, como um concurso de gatos, mas o escopo da imaginação humana articulada conforme se estende desde as alturas do paraíso até as profundezas do inferno imaginativo”. Ao que podemos concluir: a imaginação poética de Edward Bond funciona como uma espécie de apocalipse – etimologicamente falando, uma revelação do homem para si mesmo. Uma hecatombe que o convida a testar o sentido do humano.

Curtir Luís Antonio Villaça e outras 28 pessoas curtiram isso.

Crítica

Cia. Kiwi torna dramaturgo o espectador das próprias ideias

Crítica: Cia. Kiwi torna dramaturgo o espectador das próprias ideia...

<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://ww...>



Cena da peça 'Material Bond'

VALMIR SANTOS

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

24/03/2017 02h20

Ao participar do ciclo "O Teatro e a Cidade", realizado em 2001 no Centro Cultural São Paulo, Edward Bond especulou sobre a lógica contida na imaginação. Para o poeta e dramaturgo inglês, o teatro acontece na cabeça dos espectadores, pois a mente humana é, em si, uma estrutura dramática.

Esse raciocínio move a Kiwi Cia. de Teatro em "Material Bond", cujo roteiro abarca textos não dramáticos desse artista octogenário de convicção social no modo de fazer arte e vigor formal que atraem jovens interlocutores como Sarah Kane (1971-1999).

É sob as lentes do escritor do qual é estudioso e já o visitou em outras criações que o diretor Fernando Kinas olha também para a realidade brasileira dos dissensos. Prato cheio para o recurso expositivo das contradições, uma constante na companhia.

Em vez de enredo, um fluxo de poemas, composições e histórias breves sonda o passado (pós-bombas atômicas, pós-Holocausto, pós-11 de Setembro –Bond estava no Brasil no mês seguinte) e o panorama atual de sociedades coagidas pelo medo e pelo terror dos fundamentalismos da fé ou do capital.

Ao alinhar imagens de guerra, atentado, manipulação midiática e manifestação de rua a peça faz de Bond espectador de suas ideias. Esse efeito ao revés estranha no bom sentido. É o que aprofunda o conhecimento e a crítica ao triangular com o espectador.

Há infiltrações da performance, das artes visuais e da música. A liberdade de cruzamentos substancia a teatralidade e torna a experiência menos cerebral do que renunciada.

A atriz Fernanda Azevedo e o percussionista e compositor Eduardo Contrera interagem entre si ou diretamente com a audiência. Ela maneja palavra, objeto, máscara e boneco-manequim. Ele, postado no centro da cena, atrás do tecido transparente que recebe projeções, faz dali o set. O macacão laranja de presidiário e a execução de "Wish You Were Here", do Pink Floyd, inclusive vocal, mostram o quanto Contrera conquista em termos de autonomia em cena.

Fernanda é a mediadora do pensamento ("Eu não quero ser alarmista"; "Julgue pela situação, não pelo personagem"). Inquire, baliza, olha no olho. A enunciação clara estende-se ao estado performativo que comunica com plenitude.

MATERIAL BOND ★★★★★

QUANDO: sex., às 20h; sáb., às 18h; até amanhã

ONDE: Oficina Cultural Oswald de Andrade - Anexo, R. Três Rios, 363, tel. (11) 3221-4704

QUANTO: grátis, 14 anos

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/03/1869067-cia-kiwi-torna-dramaturgo-o-espectador-das-proprias-ideias.shtml>

Cenas radicais

► Em **Material Bond**, a Kiwi Companhia de Teatro destaca a obra do britânico Edward Bond, dramaturgo que, segundo o grupo, permanece desconhecido no Brasil, mas que, no meio teatral inglês, é conhecido por sua rebeldia.

Na peça, dirigida por Fernando Kinas e protagonizada por Fernanda Azevedo, são explorados temas recorrentes no trabalho do autor, como injustiça e desumanidade.

A montagem, que tem ainda performance e show (com participação do multi-instrumentista

► **VIOLÊNCIA:** peça aborda temas como injustiça social



FELIPE STUCCHI/DIVULGAÇÃO

Eduardo Contrera), cria jogos constantes com o público. Além de um tablado instalado na plateia, há diversas intervenções poéticas e projeções de vídeos, que expõem cenas brutais da realida-

de brasileira contemporânea. 80 min. 14 anos.

Júlia Corrêa

ONDE: Oficina Cultural Oswald de Andrade (40 lug.). R. Três Rios, 363, Bom Retiro, 3222-2662. **QUANDO:** Estreia 5ª (2). 5ª e 6ª, 20h; sáb., 18h. Até 25/3. **QUANTO:** Grátis (retirar ingresso 1h antes).

FOLHA DE S.PAULO

Para discutir a violência, peça adapta obra de 'velho terrível' do teatro inglês

Lenise Pinheiro/Folhapress



A atriz Fernanda Azevedo e o músico Eduardo Contrera (ao fundo, atrás da tela) em 'Material Bond'

MARIA LUÍSA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

01/03/2017 17h00

Para falar da violência, a Kiwi Companhia de Teatro decidiu investigar não as peças, mas o pensamento de um "velho terrível" do teatro inglês.

Em "Material Bond", o grupo parte de análises, poemas e cartas do dramaturgo britânico Edward Bond, muitas das quais discutem o ofício teatral. O espetáculo, que teve sessões no Festival Cultura Inglesa no ano passado, inicia temporada nesta quinta (2).

Apesar de pouco conhecido no Brasil, Bond, 82, tornou-se um dos expoentes do teatro britânico, tendo escrito mais de 50 peças. Sempre foi um provocador e chegou a recusar que sua obra fosse encenada em grandes teatros.

Sua segunda peça, "Saved" (1965), teve grande papel no fim da censura prévia na Inglaterra. A montagem retrata uma juventude frustrada e mostra numa das cenas um

bebê apedrejado até a morte. Foi proibida, mas Bond se recusou a alterar o texto e a produção acabou processada. O caso gerou protestos, e a repercussão levou ao término da censura três anos mais tarde.

Não é a primeira vez que a Kiwi se debruça sobre a violência ou a obra de Bond –ambos estavam, por exemplo, em "Morro Como um País" (2013).

Em "Material", o grupo busca um diálogo entre questões abordadas pelo autor e o contexto brasileiro, em especial no que diz respeito à tirania de Estado. Mostra imagens de Hitler e outras do Bope, o batalhão de operações especiais da polícia do Rio. É um diálogo com o documental, "retratos da realidade que despertam sensações", diz o diretor Fernando Kinas.

A relação com Bond também está na forma. Não se busca uma representação tradicional de personagens, mas uma análise do que é mostrado. Algo próximo do chamado distanciamento brechtiano: deixar claro que se trata de uma obra de arte, uma ilusão.

Assim, a atriz Fernanda Azevedo fica durante quase toda a apresentação sobre um palquinho colocado no meio da plateia. Fala, por exemplo, do "teatro da razão" de Bond, feito de análise e imaginação.

É a ideia de que, se o mundo é repleto de violências sem sentido, "precisamos inventar algo que seja uma resposta a isso". "Por isso a imaginação seria mais lógica da razão", afirma Kinas.

Sobre o palco real, há uma tela translúcida na qual são projetadas imagens diversas –muitas em referência à violência. Ao fundo, Eduardo Contrera pontua as falas da atriz com música. "Mas não é um diálogo convencional, que cria um clima. Eu modifico umas notas [como em "Wish You Were Here", do Pink Floyd], interrompo cenas", comenta o músico.

*

MATERIAL BOND

QUANDO qui. e sex., às 20h; sáb., às 18h; até 25/3

ONDE Oficina Cultural Oswald de Andrade - anexo, r. Três Rios, 363, tel. (11) 3221-4704

QUANTO grátis

CLASSIFICAÇÃO 14 anos

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/03/1862763-para-discutir-a-violencia-peca-adapta-obra-de-velho-terrivel-do-teatro-ingles.shtml>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.



Kiwi busca o reverso de todas as leis em 'Material Bond'

Companhia investiga a justiça e sua ausência na sociedade com a obra do dramaturgo Edward Bond

O dramaturgo britânico Edward Bond pode ser chamado de intelectual à moda antiga, como explica o diretor Fernando Kinas. “Ele participa ativamente da vida do País, escrevendo e dialogando sobre os acontecimentos da sociedade e refletindo em conjunto, além de suas criações artísticas.”

Toda a produção do britânico foi vasculhada pela Kiwi Companhia de Teatro e a montagem Material Bond ganha temporada nesta quinta, 2, na Oficinal Cultural Oswald de Andrade. A atriz Fernanda Azevedo conta que todos os escritos foram considerados, exceto os textos dramáticos. “Ele escreve poesia, ensaios, e existe uma peça, indicada por ele, cujas composições musicais estão no espetáculo.”

Foto: WERTHER SANTANA/ESTADÃO



Violência. A atriz se apresenta na plateia e o músico no palco

Enquanto isso, outros trechos foram musicados pelo músico Eduardo Contrera, que executa canções ao vivo.

Fernanda ressalta que o pensamento do autor, disposto nesses diferentes materiais, estimulou a criação de um espetáculo híbrido, que transita por diversas linguagens teatrais e também inverte a organização comum de uma peça. “Eu fico em uma plataforma no meio da plateia e o Eduardo no palco.”

Para Kinas, a montagem passa por eventos mundiais que revelam aspectos da injustiça. “Bond tem o Holocausto como uma matriz. É uma sociedade que incorpora a violência por

meio do Estado. O Bope aqui não tem a mesma abrangência mas carrega o mesmo espírito.”

MATERIAL BOND. Oficina Oswald de Andrade. Rua Três Rios, 363. Tel.: 3221-4704. 5^a, 6^a, 20h, sábado, 18h. Grátis. Estreia hoje. Até 25/3.

www.kiwiciadeteatro.com.br
www.facebook.com/KiwiCompanhiaDeTeatro

